

**ABORDAGEM DISCURSA DA LEITURA PELA NOÇÃO DE FORMAÇÃO
DISCURSIVA**

Maria Cleci Venturini¹

Célia Bassuma Fernandes²

RESUMO

Neste trabalho, tomamos como objeto de estudo a leitura da obra *Incidente em Antares* (2002), de Erico Veríssimo, por uma perspectiva discursiva, com o objetivo de visualizar o embate entre a formação discursiva dominante e a da resistência, no contexto sócio-histórico do período ditatorial. O eixo estruturante das análises é a noção de formação discursiva, em especial, a do sistema dominante (do Cel. Tibério Vacariano) e a da resistência (de Geminiano Ramos, líder sindicalista e do advogado Cícero Branco), a partir das quais buscamos explicitar os modos como esses sujeitos se identificam/contratificam ou se desidentificam com os saberes/poderes constitutivos da FD em que se inscrevem, e com os sentidos do espaço urbano da cidade de Antares.

Palavras-chaves: Sentido. Formações discursivas. Leitura.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A constatação de que a leitura foi e continua sendo a grande preocupação dos professores deriva da nossa longa experiência no ensino fundamental e médio e também da nossa participação no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), resultado de uma parceria firmada entre a Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED), e a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI), cujo objetivo é a formação continuada dos

professores da rede pública estadual, e que possui uma regulamentação bastante interessante, como pode ser verificado em Venturini (2010).

Temos observado, a partir desse programa, que a maioria dos projetos apresentados pelos professores que dele participam, propõem-se a desenvolver, na escola – sustentados por Paulo Freire, e especialmente, pela obra “A importância do ato de ler” – o gosto e o prazer pela leitura. Não questionamos a obra, nem o trabalho do autor, mas entendemos que esses dois objetivos são bastante amplos e difíceis de serem alcançados, o que nos motiva a pensar a leitura por outra perspectiva.

Assim sendo, nesse trabalho, pretendemos desenvolver uma proposta de leitura a partir do texto *Incidente em Antares* (2006), de Erico Veríssimo, publicado em plena época de ditadura militar e, curiosamente, na mesma data em que foi decretado o Ato Institucional nº 5, no ano de 1968. Os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa (daqui em diante AD), tal como proposta por Michel Pêcheux, na França, e por Eni Orlandi, no Brasil, sustentarão nosso trabalho, dado que fornece o suporte teórico-metodológico necessário para compreender como um texto produz sentidos.

A AD é uma disciplina de entremeio, pois não se enquadra inteiramente em nenhuma das tendências da linguística, e também não configura uma quarta tendência. Orlandi (2002) sustenta que essa teoria da leitura se situa entre a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo, mas não se submete a nenhuma delas, visto não ser interdisciplinar, na medida em que coloca questões a esses campos do saber, buscando incluir aquilo que elas deixam de fora.

Trata-se de um dispositivo teórico que trabalha com a língua em funcionamento, processo complexo, pelo qual sujeito e sentido se constituem mutuamente, devido à articulação entre a língua e a história, e cujo objeto de estudo é o discurso, definido como “efeito de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX, 1997b, p. 82). De acordo com Orlandi (2001, p. 64), a teoria materialista do discurso tem como unidade de análise o texto, lugar onde os discursos se materializam, tornando possível compreender seu funcionamento.

Pela ótica da AD, um mesmo texto pode encaminhar para diferentes discursos, dependendo da inscrição do sujeito-leitor em FD’s. Com isso,

referendamos a definição proposta por Orlandi (2004, p. 14), segundo a qual, ele é “um bólido de sentidos”, que “‘parte’ em inúmeras direções, em múltiplos planos significantes”. Frente a ele, o leitor assume uma posição-sujeito, em virtude de sua história e de sua ideologia, o que significa que um mesmo texto pode ser lido diferentemente pelos mesmos ou por sujeitos-leitores diferentes. Por esse viés, a leitura é entendida como “[...] a aferição de uma textualidade por meio de outras possíveis” (ORLANDI, 2001, p. 65).

Para fins de análise, tomamos como eixo estruturante a noção de formação discursiva, em especial, a FD do sistema dominante, cujo representante é o Cel. Tibério Vacariano, e a FD da resistência, na qual se inscrevem Geminiano Ramos (líder sindicalista) e o advogado Cícero Branco (um dos defuntos insepultos). Por meio dessas duas FD's, e dos sujeitos que nelas se inscrevem, nos interessa analisar os modos como esses sujeitos se identificam/contratificam ou se desidentificam com os saberes/poderes constitutivos dessas FDs e também a relação dessa inscrição com os sentidos do espaço urbano da cidade fictícia de Antares.

Cabe assinalar, que elegemos o texto literário como objeto de estudo, tendo em vista que não raras vezes, ele é tomado somente pelo viés da criação, ou seja, as condições de sua produção e o seu funcionamento são desconsiderados. Entretanto, o que nos interessa aqui, é a leitura como prática discursiva, pautada no trabalho da memória e no funcionamento do sujeito interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente.

UMA PROPOSTA DE LEITURA DA OBRA *INCIDENTE EM ANTARES*, PELO VIÉS DA AD

No quadro teórico da Análise do Discurso, as noções de sujeito e de ideologia funcionam como princípios organizadores da FD, uma vez que o primeiro identifica-se com os dizeres desta, que representa, na linguagem, um recorte da Formação Ideológica (FI), isto é, os indivíduos, ao serem interpelados em sujeitos do seu discurso se identificam com a forma-sujeito das FDs, entendidas como aquilo que deve/pode ou não deve/pode ser dito em

determinada circunstância. De acordo com Pêcheux (1997a, p.161), “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos do *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Essa interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso se dá, de acordo com ele, pela identificação do sujeito com a FD que o domina.

Neste momento, Pêcheux entende a FD como um domínio discursivo bastante fechado e homogêneo. Segundo Indursky (2007, p. 79), ao assumir uma posição, o sujeito do discurso “[...] identifica-se plenamente com seu semelhante e com o Sujeito, reduplicando sua identificação com a forma-sujeito que organiza o que pode ou não ser dito no âmbito da Formação Discursiva”. Desse modo, conforme ela, ainda não há espaço para a alteridade, para a diferença e para a contradição, uma vez que só há lugar para os mesmos sentidos. No que tange às formações discursivas, Pêcheux (1997, p. 160) assinala que o sentido

[...] de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade significante), mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é reproduzidas).

Orlandi (2005, p. 42-3) relê Pêcheux e sustenta que os sentidos das palavras não estão nelas mesmas, mas além delas. O sentido é determinado pelas posições ideológicas do processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas, ou seja, elas mudam de sentido dependendo das posições daqueles que as empregam. A noção de formação discursiva permite a compreensão do processo dos sentidos em sua relação com a ideologia. Para Pêcheux (1997, p. 160), formação discursiva é aquilo “que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (grifo do autor). Nesse funcionamento, o sujeito, quando exerce a função-autor, inscreve-se numa formação discursiva, a qual determina o que pode/deve, não pode/não deve ser dito.

Para compreender o alcance e funcionamento da formação discursiva é importante retomar Pêcheux (1997a, p. 214) quando se refere ao desdobramento constitutivo do sujeito a partir de dois termos: do locutor e do Sujeito com “s” maiúsculo, que representa o sujeito universal ou do saber. O locutor representa, na ordem do discurso, aquele que se coloca como responsável pelo que é dito e assume posições, esquecendo-se de que não é a origem do dizer. O segundo, refere-se ao sujeito da ciência, chamado também de sujeito universal. Por meio dos dois sujeitos – o locutor – e o sujeito do saber – o autor sinaliza para a relação entre o pré-construído – a interpelação ideológica “que fornece-impõe, a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade – o “mundo das coisas”)” - e o efeito-transverso, que representa a dominação da forma-sujeito.

O desdobramento do sujeito e as determinações da forma-sujeito encaminham para as modalidades de identificação do sujeito, descritas por Pêcheux (1997). O autor relaciona a primeira modalidade, como sendo a do “‘bom sujeito’, o qual se identifica aos saberes da forma-sujeito que o domina”, ou seja, há “uma identificação plena do sujeito da enunciação com a forma-sujeito, por meio da qual o sujeito reproduz o conhecimento próprio da FD” (PÊCHEUX, 1997a, p. 116). A segunda modalidade refere-se ao “mau sujeito” e descreve o distanciamento, isto é, quando ele não se desliga da FD que o domina, mas assume uma posição crítica, colocando ressalvas. A terceira, modalidade, segundo o autor, corresponde à desidentificação, isto é, ao rompimento com determinada FD e a inscrição em outra.

É relevante destacar que Pêcheux (1997) reviu a teoria e repensou a questão referente à identificação plena, a qual não existe, tendo em vista que as FD’s são heterogêneas e que possuem fronteiras que se deslocam. Indursky (2008, p.17-8) sustenta que a FD é heterogênea em relação a si mesma, uma vez que se apresenta porosa e permite que saberes de outras FD’s a atravessem, instaurando a igualdade, mas também a diferença e divergência. Assim, instala-se um conjunto de posições- sujeito dentro da FD, pelas quais o sujeito se relaciona de diferentes modos com a forma-sujeito e, por meio dela, com a ideologia.

Diante das considerações acima, entendemos que a AD pode contribuir para que a leitura se transforme em prática mais abrangente, contemplando as

condições de produção, em sentido restrito – no que tange ao texto no seu efeito imaginário de unidade – tal como preconiza Orlandi (2001), e em sentido amplo, englobando as condições sócio-históricas. No que tange às condições de produção em sentido restrito, o texto *Incidente em Antares* divide-se em duas partes. Na primeira delas, Erico Veríssimo, investido da função-autor, coloca-se como responsável pelo dizer, tecendo a partir dessa posição, o panorama sócio-político do Brasil na época, no qual se sobressai a figura histórica de Getúlio Vargas.

Além disso, retrata a rivalidade entre Vacarianos e Campolargos, na fictícia cidade de Antares, no Rio Grande do Sul. Getúlio, então deputado federal, promove a reconciliação entre os dois clãs, com a finalidade de unir forças. Desfilam, nessa parte, personalidades políticas, tais como Carlos Lacerda, JK, Jânio Quadros, Leonel Brizola, João Goulart, entre outros.

Na segunda parte, se dá visibilidade ao “incidente” que atinge a cidade, quando no dia 11 de dezembro de 1963, morrem sete pessoas: D. Quitéria, a matriarca dos Campolargo; Dr. Cícero Branco, advogado das falcatruas do Cel. Tibério e do prefeito Vivaldino; o anarco-sindicalista José Ruiz, vulgo Barcelona; o “subversivo” João Paz, torturado e assassinado pelo delegado Inocêncio; o maestro Menandro, que se suicidou cortando os pulsos; o bêbado Pudim de Cachaça, envenenado pela mulher; e a prostituta Erotildes, vítima da tuberculose.

Ainda nessa parte, Erico Veríssimo retrata o governo de Juscelino Kubistchek, no qual tem início uma política desenvolvimentista e de industrialização e, em consequência, a espoliação do país e a exploração dos trabalhadores. Em Antares, reivindicando melhores salários, os operários entram em greve, porque veem nela uma forma de combater a exploração e os desmandos políticos vigentes. Não se trata apenas de uma dominância monetária, mas dos modos como o coronelismo brasileiro funciona nesse espaço.

O “incidente” ocorrido na cidade tem como causa o cruzar de braços dos operários das multinacionais fixadas na cidade, dos encarregados da Usina Termo-elétrica Municipal, e dos coveiros, que solidários, interditam o cemitério, impedindo o enterro dos mortos. O coronel Vacariano, líder político da cidade, diante da greve, liga para o governador, dando-lhe ciência do acontecimento,

dizendo “Hoje ao meio-dia vai ser declarada uma greve geral em Antares: indústria, comércio, transportes, força elétrica... tudo...! A cidade vai parar por completo” (VERISSIMO, 2002, p. 192).

Na sua fala, o coronel pede que o governador impeça a greve, mas a autoridade diz que ela é um direito e que ele não esqueça de que o Brasil se encontra em um período democrático, no qual os sujeitos possuem direitos e também deveres. Diante disso, Vacariano insiste e diz que o Brasil vive numa “merocracia”, observação ignorada pelo governador, que assevera que “O governo federal é trabalhista. Estamos em minoria” (VERISSIMO, 2002, p. 192). Mesmo assim, promete falar com o ministro do Trabalho para resolver a questão, enquanto o coronel exige que o Exército Nacional seja convocado para que a greve seja coibida.

No que tange às condições de produção, é importante destacar a gênese da obra em tela. Bordini (2002, p. 10) revela dados interessantes da criação desse romance, dentre eles, o fato de que o maior problema do escritor “foi o tratamento da larga fatia da história brasileira abrangida na primeira parte (desde o Pleistoceno até a ditadura militar de 1964 – a história do incidente inicia em 1963 e termina em 1970)”. O escritor temia cansar o leitor, e isso o levou a ficcionalizar boa parte da história oficial. Bordini (2002) assinala, ainda, que Verissimo pretendia, inicialmente, criar um narrador-defunto, a exemplo de Machado de Assis. O título da obra seria “A hora do sétimo anjo”, mas apesar de muito esforço, o romance não foi escrito, e o livro “Incidente em Antares” surgiu quando o escritor, em 1969, “viu uma fotografia, numa revista norte-americana, que lhe ficou na retina, “pelo que continha de simbólico”. Tratava-se de uma greve de coveiros em Nova Iorque, com dez ou doze féretros à vista, aguardando o enterro (BORDINI, 2002, p. 8)”. Dessa imagem nasceu o questionamento “e se esses mortos fizessem uma greve contra os vivos?”

Em relação às FD’s dominantes na obra, entendemos que a cidade de Antares é, em si mesma, a FD que comporta as demais. Pelegrini (1996, p. 86) ressalta que ela possui uma dimensão mítica, à qual se soma “a dimensão alegórica, mais específica [...] na medida em que cada pequena cidade-tipo constitui um macrocosmo, uma amostragem perfeita”. Nesse sentido, Antares

seria uma FD, dentro da qual coexistem a FD 1, da Classe dominante (políticos, sociedade antarense liderada por D. Quitéria, Cícero Branco – advogado – e coronel Vacariano), e a FD 2, da classe dominada, na qual se inscrevem Erotildes – e demais prostitutas, o poeta, o bêbado, o sindicalista e o maestro). A partir do “incidente”, as FD’s se desdobram em duas: a dos vivos, que são acusados pelos mortos, e a dos mortos, que resolvem denunciar a sociedade desigual e que aparenta uma moralidade que não possui.

A partir desse acontecimento, os mortos, mesmo aqueles que pertenciam à classe dominante, se unem e Cícero Branco, que se constitui como o porta-voz do grupo. Isso parece ser da ordem da evidência e referenda o contrato social, visto que, quando vivo, ele exercia a profissão de advogado, inclusive ajudando a classe dominante a constituir traços de legalidade na prática de injustiças e crimes sociais. É a partir do incidente e dos desdobramentos das FD’s, que passamos designá-las de FD da Classe dominante, na qual se inscreve o coronel, e de FD da resistência, em que se inscrevem Geminiano e Cícero Branco. O coronel Vacariano e Geminiano inscrevem-se na FD dos vivos e Cícero Branco na dos mortos. Trata-se de um embate, portanto.

Em *Incidente em Antares*, observamos o funcionamento do “bom sujeito” na personagem de Tibério Vacariano – somando-se a ele, a sociedade privilegiada de Antares. No discurso da personagem de Vacariano, materializa-se, pelo funcionamento da língua na história, a formação ideológica que o mantém dentro da FD dominante, sinalizando, portanto, para uma identificação entre ele, enquanto sujeito e os saberes/dizeres dessa FD, em que se inscreve. Como coronel, ele ocupa a posição-sujeito de senhor patriarcal de Antares, manda e desmanda na cidade de forma despótica e absoluta, sinalizando para o autoritarismo e para o caudilhismo, próprio das formações sociais, nas quais o coronelismo é uma prática corrente. No acontecimento da greve, sugere:

- Acho que devemos telefonar ao comandante da guarnição federal de São Borja e solicitar-lhe que nos mande uma companhia... ou um regimento bem armado para obrigar esses grevistas de borra a levantarem o sítio do cemitério. Nada de conversa: bala e baioneta em cima deles! (VERISSIMO, 2002, p. 330).

Entretanto, mesmo que o discurso do coronel Vacariano sinalize para o “bom sujeito”, sabemos pelos pressupostos da AD, que o sujeito pode inscrever-se em mais de uma FD, e que ele é clivado, heterogêneo, multifacetado. Sabemos, também, que as FD’s não possuem fronteiras fixas. Vacariano, apesar de identificar-se com a forma-sujeito da classe dominante e de proceder de modo autoritário, simula, para o povo de Antares e para a sua família, ser democrático, religioso e de moral inquestionável. Isso se torna visível quando Erotildes conta a todos que o coronel a mantinha como amante permanente e única, enquanto ela era jovem e bonita, mas depois que se desgastou pelo ofício da prostituição, abandonou-a a própria sorte, desprezando-a. Contraditoriamente, ele mantinha hábitos de homem religioso e de pai de família honrado, pois defendia a moral e os bons costumes, simulando ser quem não era. Trata-se, da constituição de evidências pelo funcionamento da ideologia, que legitima seu comportamento.

Pêcheux (1997) destacou na segunda modalidade de identificação, referente ao “mau sujeito”, e que se trata “de uma contra-identificação”. Nesse funcionamento, apesar de instaurar o questionamento, o sujeito não rompe com os saberes da FD próprios da forma-sujeito em que se inscreve. Nesta modalidade, inscreve-se o líder dos grevistas, Geminiano Ramos, que representa a voz do outro, fortemente discordante, evidenciando uma contra-identificação com a FD dominante, instaurando, dessa maneira, uma relação tensa dentro desta FD.

Ocorre, segundo Indursky (2008, p. 25), nesse funcionamento “um distanciamento em relação a alguns saberes que emanam da forma-sujeito, o que vai dar origem à fragmentação da mesma”. No texto em análise, percebemos que ambas as FD’s estão dentro da FD dominante, porém apresentam divergências ao “se relacionar com a ideologia sem, entretanto, romper com o domínio de saber em que se inscrevem”. Baseados em Indursky (2008), ao analisarmos a luta dos grevistas, podemos identificar o acontecimento enunciativo presente, uma vez que a contra-identificação afronta a forma-sujeito, mas não se constitui em acontecimento discursivo, porque não rompe com a ordem instaurada e também não instaura uma nova FD, mas ocasiona somente o distanciamento e a crítica.

Geminiano funciona como sujeito porta-voz, que segundo Conein (1980, p. 94), funciona “como ‘um agente coletivo em movimento’, que exerce duas funções enunciativas: a de agente enunciativo (aquele que fala no lugar de) e a de agente a quem é atribuída uma ação (como povo)”. Como porta-voz, o sindicalista “se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa [...] constituindo-se como agente de contradição e deslocamentos, porque circula entre o mundo existente e a possibilidade de ‘um outro mundo’” (CONEIN, 1980, p. 95).

O líder grevista se identifica com a FD dos trabalhadores, inicialmente como participante de um partido político – PTB – em que fala sobre “os defeitos e injustiças da ‘democracia liberal capitalista’” e até “em ‘democracia socialista dos trabalhadores’”, pregando que : “A vitória será nossa” (VERISSIMO, 2002, p. 73-4), até comandar a greve em Antares. A luta que perpassa o movimento grevista é por melhores condições sociais. Assim, Geminiano afronta a FD dominante, representada pelo Cel. Tibério Vacariano, que durante o período da greve, tinha vontade de “precipitar-se sobre Geminiano e esbofeteá-lo” (VERISSIMO, 2002, p. 226). No entanto, ao lançar-se sobre o líder grevista de revólver em punho, este

[...] quebrou o corpo, segurou a mão direita de seu agressor, ergueu-a para o ar e em poucos segundos desarmou-o. Depois, sem dizer palavra, encostou-lhe na cara a mão espalmada e empurrou-o com força, fazendo-o cair sentado no chão. [...] Tibério Vacariano olhava para Geminiano, que, com a maior pachorra, tirava as balas do seu revólver – relíquia paterna, companheiro de incontáveis pejejas, jamais caído em mãos inimigas. (VERISSIMO, 2002, p. 227).

Como observamos, Geminiano representa o “mau sujeito” descrito por Pêcheux (1997) e retomado por outros autores. É um sujeito que questiona e procura mostrar, como ele mesmo diz, “que os tempos mudaram. Antares não é mais propriedade sua. [...] Os senhores já viram que não temos medo de caretas” (VERISSIMO, 2002 p. 228).

Cícero Branco, depois de morto, assume a liderança da FD que designamos FD da resistência, exemplificando o funcionamento da terceira modalidade de identificação, na qual, segundo Pêcheux (1997) e Indursky (2008, p. 117-8), ocorre a desidentificação, “pela qual o sujeito da enunciação rompe com a forma-sujeito que organiza os saberes da FD em que se inscreve e se

identifica com outra FD. [...] Trata-se da negação dos saberes de uma FD e da afirmação dos saberes de outra e do seu domínio de saber”. Essa terceira modalidade, de acordo com Indursky (2008), instaura o acontecimento discursivo, uma vez que promove o rompimento com a forma-sujeito em que Cícero Branco se inscrevia, inclusive compactuando com os desmandos ocorridos no espaço urbano de Antares, e o inscreve na FD da resistência, negando e denunciando o que antes defendia e ajudava a legitimar.

Pelo discurso, o Dr. Cícero Branco, a partir da sua nova posição-sujeito, que assume como defunto, portanto livre para denunciar qualquer sujeito sem ser punido, promove o rompimento com a FD com a qual se identificava enquanto vivo, passando a desvendar a realidade política e social de Antares, que é apagada sob a evidência de saturação do discurso, decorrente do trabalho da língua na história.

Com isso, o advogado desidentifica-se da FD dominante e inscreve-se em uma nova FD – a dos mortos, exigindo dessa posição, que os mortos sejam “sepultados dignamente, como é de nosso direito e de hábito, numa sociedade cristã” (VERISSIMO, 2002, p. 257), provocando o que Indursky (2008, p. 28) denomina acontecimento discursivo, conforme referimos anteriormente, porque instaura uma nova posição-sujeito dentro da mesma FD, rompendo com a repetição linear do acontecimento discursivo.

Para que ocorra o sepultamento, os defuntos resolvem impor sua presença macabra à população de Antares, dizendo : “Se não nos enterrarem dentro do prazo que vamos impor, empestaremos com a nossa podridão o ar da cidade” (VERISSIMO, 2002, p. 259), travando uma luta com a sociedade antarense e, nesta disputa, ocorre o que Cícero Branco denominou “baile de máscaras” (VERISSIMO, 2002, p. 348), instaurando o julgamento tanto de vivos como de mortos.

Os dizeres constitutivos da fala de cada sujeito dependem da sua inscrição a formações discursivas e da posição-sujeito ocupada dentro da FD. Assim, os mortos, encontrando-se em novas posições-sujeito e não tendo vínculo com a vida, podem mostrar tudo que é apagado, tudo aquilo que as máscaras usadas pela formação social encobrem.

O porta-voz, Dr. Cícero, afrontando o poder constituído na cidade, destila veneno sobre sujeitos-cidadãos que a habitam, concentrando-se, especialmente, nas falcatruas do Cel. Vacariano e do prefeito Vivaldino Brazão, denunciando-os por enriquecimento indevido às custas dos cofres públicos.

- Quando foi da última concorrência havida no município [...], murmuraram por aí os oposicionistas que houve fraude... Pois houve mesmo. E da grossa! Sei disso porque fui eu quem engendrou a negociata. Três firmas entraram na concorrência. A que ofereceu a melhor proposta foi logo alijada porque era uma empresa idônea e recusou entrar no cambalacho que propus. De combinação com os meus sócios, o honrado prefeito major Brazão e o nosso impoluto coronel Vacariano, inventei uma técnica que pôs logo essa companhia fora de combate... Ficaram apenas duas e foi aceita a que nos fazia a proposta mais conveniente: a que concordou em dar-nos por baixo do poncho uma 'bonificação' de trinta por cento sobre o total do superfaturamento dessas viaturas e máquinas... (VERISSIMO, 2002, p. 356-7).

A citação anterior sinaliza que o advogado-defunto Cícero Branco é interpelado pela FD dos mortos, colocando-o em posição de poder e de dizer o que diz no momento do julgamento, autorizando e legitimando o seu discurso. Enquanto era vivo e inscrevia-se na FD dominante, não podia dizer certas coisas, o que mudou ao desidentificar-se dessa FD e inscrever-se na FD da resistência, a que põe a nu os efeitos de sentido do funcionamento político no espaço urbano da fictícia cidade de Antares.

O que resulta desse processo de desidentificação é o efeito de evidência de que os mortos só falam porque estão mortos e, por isso, os efeitos da ditadura não os alcançam. Isso pode significar, também, que Cícero Branco se desidentificou, porque do "outro lado" da vida é possível ver como funciona a sociedade de Antares, bem como os estratos sociais que funcionam na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme destacamos, nesse texto, procuramos pensar a leitura por uma perspectiva discursiva, tratando-a como prática que se constitui de processos relacionados a um interior, mas também a um exterior, entendido como aquilo que está fora do texto, mas que nele significa. Nesse processo, o sujeito é tomado em sua dupla interpelação pela ideologia (o social) e pelo inconsciente (inacessível a ele), permitindo ao sujeito-professor abandonar a leitura baseada em conteúdos e priorizar o processo discursivo, o que implica em analisar a língua em movimento.

Assim sendo, a narrativa de Verissimo abre para várias possibilidades de leitura, pois as condições de produção sinalizam que a sua gênese se deu em um conturbado contexto sócio-histórico, mais especificamente, na sociedade em que o coronelismo era prática recorrente e os sujeitos tinham medo de se manifestar. Contudo, cabe assinalar que a obra não “conta” a história da ditadura, mas apresenta uma versão dessa história, representando-a discursivamente. Assim, por essa leitura, o que temos é uma versão da História Política do Brasil autorizada/legitimada pelas instituições sócio-políticas, que funciona como memória. Entretanto, não se trata de um trabalho interdisciplinar, tendo em vista que, na perspectiva da AD, não se busca a história enquanto memória estabilizada, mas a historicidade, constitutiva de efeitos de sentidos e não de conteúdos. Além disso, a AD é uma disciplina de entremeio e isso significa que ela questiona as outras disciplinas pelo que elas deixam de lado.

Trabalhar a obra literária recortando conteúdos significa usá-la como pretexto para trabalhar a gramática ou conteúdos morais. O que pretendemos é avançar em relação à leitura, sinalizando para a não-linearidade dos sentidos, para a inscrição dos sujeitos a FDs, e também para a interpelação desses sujeitos pela ideologia e pelo atravessamento pelo inconsciente. Buscamos, ainda, refletir em torno do sentido e da relação com as condições de produção dos discursos e a inscrição de sujeitos em FDs.

Destacamos, também, em relação a esse trabalho, que a função-autor e a função-leitor são aspectos importantes da leitura e se constituem pela não repetição empírica, como sinaliza Orlandi. Com isso, dizemos que no texto

analisado, não estamos lendo uma história, mas o processo de constituição de uma versão da história. Assim, Erico Verissimo constitui um efeito-autor, colocando-se imaginariamente na origem do dizer. Essa ilusão faz parte da teoria não-subjetivista da subjetividade, enfocada por Pêcheux (1997), funcionamento pelo qual o sujeito “esquece” de que algo sempre fala antes em outro lugar.

NOTAS

- ¹ Doutorado em Letras pela UFSM, e professora do corpo permanente do mestrado em Letras, da Unicentro. Líder do Grupo de Pesquisa *Interfaces entre Língua e Literatura*, filiada à linha de pesquisa *Texto, memória, cultura*. Coordenadora do Laboratório em Estudos Linguísticos e Literários (LABELL).
- ² Doutorado em Estudos da linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Professora colaboradora do mestrado em Letras, da Unicentro. Membro do Grupo de Pesquisa *Interfaces entre Língua e Literatura*, filiada à linha de pesquisa *Texto, memória, cultura*. Membro do Laboratório em Estudos Linguísticos e Literários (LABELL).

DISCURSIVE APPROACH OF READING BY THE NOTION OF DISCURSIVE FORMATION

Abstract

In this work, we've taken as the study object, reading, by means of a discursive perspective, the work *Incident in Antares* (2006), by Erico Verissimo. The aim of the present work is to view the brunt between the capitalist and the discursive formation of resistance in the socio-historical context of the dictatorial period. The structuring axis of the analysis is the notion of discursive formation, in particular, the capitalist system (the Colonel Vacariano Tiberius) and resistance (of Gemini Ramos, union leader and of the lawyer Cicero White), from which we seek to clarify the ways in which these subjects identify/against-identify or unidentify themselves with knowledges/ powers constituting the FD where they subscribe themselves, and the meanings of urban space in the city of Antares.

Keywords: Meaning. Discursive Formation. Reading.

REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória. Prefácio: Por trás do Incidente. In: VERISSIMO, Erico. Incidente em Antares. Editora Globo, 2002.

CORTEN, André. Discurso e representação do político. IN: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Os múltiplos territórios da análise do Discurso*. Porto Alegre, Sagra, 1999, p. 37-52.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange (Org.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 9-32.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas/SP: Pontes Editora, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi (et al.). 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997a.

_____. e FUCHS, Catherine. A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas. In: GADET, F. e HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997b.

PELLEGRINI, Tânia. Gavetas vazias : ficção e política nos anos 70. São Carlos : Mercado das Letras, 1996.

VENTURINI, Maria Cleci. Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Editora da UPF, 2009.

_____ Perspectiva discursiva da leitura e o professor em processo de formação continuada. *Revista Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, no. 13/02, 2010, pgs. 471- 488

VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. São Paulo: Globo, 2002.